

Pensamento Crítico, Cidadania e paisagem. Uma experiência no pré-escolar

Miguel Castro

Resumo

A partir da paisagem, conceito muito caro à ciência geográfica e que se tem constituído como uma linha de base nos estudos espaciais, pretendeu-se utilizar a sua observação como instrumento de educação cívica e espacial. O sistema escolar do século XXI pretende que a formação dos alunos não se restrinja apenas aos conteúdos e conhecimentos científicos, mas que forme cidadãos críticos e interventivos face ao mundo globalizado onde se integram. Espera-se da escola que proporcione *skills* que permitam, não apenas compreender e viver no mundo atual, mas também introduza novas formas de pensar, trabalhar e desenvolver capacidades de utilizar as novas ferramentas para trabalhar e comunicar. Sendo a paisagem reflexo da ação ou inação do homem sobre o meio, a sua observação atenta fornece-nos informações sobre a realidade observada e a sua construção, e aponta pistas para intervenção. Este processo parte de quem observa o meio e de forma crítica, o entendem e o pretende transformar ou preservar. Assim, olhar com profundidade a paisagem deve começar nos primeiros anos de escola, pois conduz à formação de bases para desenvolver adultos interventivos e pró-ativos. O objetivo do estudo foi tentar perceber as potencialidades que a paisagem pode ter na formação cívica e geográfica das crianças em idade-pré-escolar. Construímos uma ficha de observação da paisagem que foi aplicada em vários Jardins-de-infância do concelho de Portalegre, Portugal. Para além da ficha as educadoras aplicaram igualmente a observação do meio de forma indireta, através de fotografias que apresentavam a realidade claramente positiva ou negativa.

Página | 97

Palavras-Chave: Geografia; Cidadania; Pensamento Crítico; Paisagem; Pré-escolar.

Abstract

Starting from the landscape, a very dear concept to geographic sciences and that has been considered a baseline in spatial studies, we intended to use its observation as an instrument of civic and spatial education. The 21st century's school system aims to ensure that the training of students is not restricted to scientific contents and knowledge, but also that it helps form critical and intervening citizens towards the globalized world in which they are integrated. The school is expected to provide skills that allow not only to understand and live in today's world, but also to introduce new ways of thinking, working, and developing abilities to use the new tools to work and communicate.

Given that the landscape is a reflection of the action or inaction of men on the environment, its attentive observation provides us with information about the observed reality and its construction, and points out clues for intervention. This process comes from those who observe the environment critically, understand it and intend to transform or preserve it. Therefore, looking deeply into the landscape should begin in the early years of school, as it leads to the formation of bases for developing proactive and active adults. The goal of this study was to try to understand the potential that landscape can have in the civic and geographic education of pre-school children. We made up a sheet for landscape observation and gave it to children from several kindergartens of the county of Portalegre, Portugal. Besides using this sheet, the teachers also applied the observation of the environment in an indirect way, through photographs that presented a clearly positive or negative reality.

Key-words: Geography; Citizenship; Critical Thinking; Landscape; Preschool.

1 - A Geografia no pré-escolar

“Geografia” é uma palavra que se vulgarizou como algo comum, ligado a localizações e curiosidades sobre o planeta. Esta perceção tem duas interpretações possíveis: um aspeto positivo, uma vez que essa familiaridade faz com que se nutra um certo carinho por esta ciência; noutro ponto de vista, a associação entre Geografia e “enciclopedismo semi-inútil”, socialmente bem aceite, mas do qual não se conhece exatamente a utilidade, é uma perspetiva mais ligada à atuação social dos Geógrafos. Para além da profissão docente, a generalidade da população desconhece a real utilidade destes profissionais ou da própria ciência. A incapacidade de resumir a nossa atividade leva a que a Geografia, embora presente, não possua a reputação e dignidade de outras ciências ou profissões; porém, a realidade é inegável: sem suporte espacial, não existe atividade humana!

Quando questionamos os alunos, que frequentam a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Portalegre, sobre o que se recordam da Geografia ao longo de seu percurso académico, a resposta remete para o 3º Ciclo, ou seja, quando a Geografia se individualiza como disciplina autónoma.

Página | 98

Será que a Geografia nunca foi alvo do processo ensino e aprendizagem até esse ponto do percurso escolar? A Geografia não terá importância suficiente para fazer parte da formação dos estudantes em estádios de ensino iniciais? A razão para tal poderá passar pela forma como é interpretada e introduzida no pré-escolar e 1º Ciclo. É ensinada como um conjunto de conhecimentos, que embora importante para a compreensão do território onde nos inserimos, parece desligado de utilidade prática.

2 – A Geografia no Pré-Escolar

Quanto a nós, a Geografia deveria ter um papel mais relevante no ensino. Claro que poderemos ser acusados de parcialidade; no entanto, pra além de ser uma ciência autónoma, com objeto, método e instrumentos próprios, devido à sua posição particular pode sustentar e auxiliar não apenas os outros saberes, como ser central e colaborativa em projetos transdisciplinares e lógicas curriculares horizontais e verticais.

No pré-escolar, a lógica é partir de um conhecimento do espaço próximo, passando-se, num segundo momento, para abordagens geograficamente mais amplas. “Promovem-se assim valores, atitudes e comportamentos face ao ambiente que conduzem ao exercício de uma

cidadania consciente face aos efeitos da atividade humana sobre o património natural, cultural e paisagístico.” (O. C. 2016:85)

A utilização e funcionalidade do espaço, bem como a utilização dos recursos do meio local são a base que sustenta o conhecimento geográfico no pré-escolar. Educa-se para o espaço, para a sua utilização e fruição, mas também se apresentam paisagens e conceitos básicos relativos à Geografia Humana e Física.

Nas Orientações Curriculares para o Pré-escolar, o termo Geografia surge apenas uma vez! Embora possa parecer falta de foco nesta área do saber, esta abordagem justifica-se por duas razões principais: a primeira porque nesta faixa etária o conhecimento geográfico, embora sendo concreto, surge à criança como algo abstrato; a segunda deve-se ao facto de que no pré-escolar a educação para o espaço, para a sua vivência, funcionalidade e organização são aspetos primordiais a desenvolver, o que é profundamente geográfico, não aparecendo, no entanto, explicitamente como Geografia. Parece que nesta ciência existe algum receio de que não seja adequada a crianças desta faixa etária – talvez pela incapacidade dos geógrafos de conseguirem afirmar de forma clara, simples e inequívoca a importância do seu saber para a formação, descodificação e ação sobre o território e a paisagem.

Surgem, no documento de orientação, duas áreas onde a intervenção da Geografia (ainda que de forma velada) é importante: Formação Pessoal e Social e Conhecimento do Mundo.

Formação Pessoal e social:

“- Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia.

- Conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação.” (O.C.2016:41)

Na área do Conhecimento do Mundo pretende-se que haja uma sensibilização para as diversas ciências naturais e sociais, de modo articulado, mobilizando aprendizagens de todas as áreas e cruzando-as com a realidade que a criança transporta do seu mundo e das suas vivências. Implica o desenvolvimento de atitudes positivas na relação com os outros e a criação de hábitos de respeito pelo ambiente e cultura, ficando muito interligada e relacionada com a Formação Pessoal e Social. As crianças vão compreendendo o mundo que as rodeia através da ludicidade: brincam, interagem e exploram os espaços, objetos e materiais.

Numa subárea, as Orientações Curriculares focam-se no conhecimento do Mundo Social. O objetivo é proporcionar à criança um conjunto de conhecimentos relativos ao meio social e cultural, adquirido nos seus contextos sociais (família e jardim de infância) e na comunidade. Esta postura facilita uma consciência de si, do seu papel social e das relações com os outros.

Paralelamente, faculta uma melhor compreensão dos espaços e tempo, de uma forma restrita, mas também mais abrangente. Abordando o mundo físico e natural, o objetivo é pôr as crianças em contacto com a paisagem, local ou mais alargada, através de contacto indireto com outras realidades, que neste momento estão ao alcance de qualquer computador ou telemóvel – a tomada de consciência dos elementos sociais, culturais e naturais e as suas múltiplas interações são fatores determinantes para a ligação afetiva, sendo a base da criação de um sentimento de pertença e de uma identidade local. Esta atitude de pertença positiva para com o lugar onde se vive é desenvolvida, em paralelo, com um maior sentido de responsabilidade para salvaguardar os valores locais (naturais, sociais, históricos, ...) e com uma consciencialização para as consequências das ações humanas sobre o território. Não obstante a assertividade desta abordagem, o alargar a consciência das crianças para realidades mais vastas e diversas é também um dos fatores que tornam a sua formação mais ampla, tornando-as mais cientes do seu lugar numa realidade vasta, facilitando-lhes uma maior tomada de consciência das inter-relações dos seus atos com o mundo global - por exemplo, educar para hábitos e comportamentos ecológicos integram a criança não apenas na realidade local, mas também na vastidão do planeta.

A leitura e contacto com a paisagem pode ser uma das primeiras ferramentas de introdução do espaço e da Geografia no pré-escolar. A observação pode realizar-se diretamente - observação local, visitas ou relatos de locais vividos pelas crianças, ou recorrendo a imagens, fotografias, vídeos - se bem que indireta, esta estratégia não se revela menos eficaz do que a primeira.

Embora o conceito de aprendizagem no pré-escolar não tenha o peso e significado que vai ser reconhecido nos ciclos de ensino seguintes, o documento orientador aponta para que a criança, no fim desta etapa, tenha adquirido as seguintes aprendizagens:

- Nomeia e descreve aspetos físicos característicos da sua comunidade, tais como ruas, pontes, transportes, edifícios.
- Identifica algumas manifestações do património cultural e paisagístico do seu meio e de outros meios, como por exemplo, tradições, arquitetura, festividades.
- Revela interesse em saber as semelhanças e diferenças entre o que acontece no seu tempo e nos tempos de vida dos pais e avós.
- Compreende e aceita a diversidade de hábitos, vestuário, alimentação, religiões, etc., caraterísticos de diferentes realidades culturais.

“São também incluídas as características físicas, culturais e sociais da comunidade, tanto em termos mais restritos (rua, bairro, localidade),

como em termos mais alargados (outras zonas do país, outros países). Enquanto cidadã europeia, a criança deverá ter oportunidade de desenvolver um sentimento de pertença, que decorre concomitantemente de uma história heterogênea e de uma comunidade plural em termos de vivências, culturas, valores.” (O.C. 2016:89).

Sendo obviamente correta e pertinente esta visão transmitida pelas O.C., acontece que repetidas vezes ao longo dos ciclos de ensino subsequentes – torna-se a abordar o espaço numa visão muito restrita - o conhecido ou a conhecer está sempre muito ligado à sua comunidade próxima, mas sem qualquer grau de estímulo ao pensamento crítico perante a realidade espacial. Um dos exemplos, quase caricato, é o do percurso casa/escola. Este tema é abordado no pré-escolar, no 1º Ciclo e novamente no 2º Ciclo. Com grau de precisão cada vez mais apurado, mas sem grande grau de explicação ou de abordagem crítica.

A abordagem no pré-escolar é, no entanto, justificável e adequada, pois a realidade geográfica, embora concreta, pode parecer à criança abstrata. A distância é ainda vivida de forma muito psicológica e o conceito de distância absoluta é incompreensível nesta idade. Uma das formas de tornar concreta a realidade é a observação sistemática da paisagem de um modo crítico e interventivo. Seja de forma direta ou indireta, a compreensão do espaço observado pode ajudar a torna mais presente (concreta) a realidade que a criança vai tendo como sua. Para além disso o olhar inquisitivo face à paisagem desenvolve uma atitude pró-ativa e desenvolve o pensamento crítico infantil, promovendo hábitos de olhar a realidade de forma construtiva.

3 - Uma experiência de desenvolvimento do pensamento crítico através da observação da paisagem

O apresentamos é o relato de uma experiência que concretizámos com algumas educadoras do Concelho de Portalegre, onde a observação da paisagem foi ponto de partida para uma atividade tipicamente geográfica.

A paisagem sempre foi e ainda é um conceito central na Geografia. Como professor, educador e geógrafo, defendo que a introdução de conceitos espaciais na pré-escola deve começar com o que é básico e simples. A observação do espaço, o seu entendimento, análise e postura crítica em relação a ele, devem ser posturas a encorajar desde uma idade muito precoce, porque são essenciais para a formação de crianças. Assim, pensamos em projetos que começando a partir da paisagem, introduzam aspetos espaciais e desenvolvimento do pensamento crítico face à realidade.

A escola do século XXI não se destina apenas a treinar estudantes com conhecimento científico que poderão depois enquadrar-se em trabalhos monótonos e repetitivos. Os alunos são obrigados a ser cidadãos que vivem no mundo, entendê-lo, serem pró-ativos, intervenientes e críticos. Para este fim, a escola terá que apresentar novas formas de pensar, novos *skills*, preparar-se para introduzir novas ferramentas de trabalho, desenvolver capacidades de comunicação, isto é, formar cidadãos globais que possam intervir nos contextos onde vivem e trabalham.

A paisagem é o suporte de toda a atividade humana e reflete os comportamentos, a história e as dinâmicas sociais. A observação cuidadosa do entorno proporciona não apenas informações espaciais da realidade e da sua construção, mas também nos leva em direção aos caminhos a serem seguidos na organização espacial, fornecendo-nos pistas de intervenção com o objetivo de mitigar, corrigir ou melhorar a realidade. Este processo só pode resultar daqueles que, por hábito, olham o meio de forma crítica e construtiva.

O conceito associado à paisagem é complexo e é também uma visão individual. Se a paisagem é tradicionalmente definida, em Geografia, como a porção da superfície terrestre coberta pelo olhar do observador, cada um de nós voltado para a mesma porção da superfície tende a descrevê-la de forma diferente, dando diferentes relevâncias a diferentes detalhes.

O conceito de paisagem não é de definição consensual e pacífica. No dicionário, o conceito não é definido exatamente como mencionei na frase anterior. Também tem um valor artístico face ao território, ao pitoresco e foi também uma escola de pintura e literatura cujo propósito era a representação e descrição do campo, do bucólico dos lugares do país ou região. Na verdade, a palavra paisagem aparece pela primeira vez ligada à pintura, no final do século XV, início do século XVI, onde se representava o campo, o rural e o natural. Estava ligado a novas correntes estéticas que procuravam romper com os paradigmas religiosos da explicação medieval. Ainda existe hoje, na imaginação de muitas pessoas; associa-se o termo paisagem a natureza, a beleza e a harmonia. A origem da própria palavra vem tanto do alemão (*landschaft*) - paisagem, que origina a paisagem inglesa, e que tem o duplo significado: objetivo - parte da superfície terrestre; e o subjetivo – o do observador, que posteriormente reproduz a aparência de um fragmento de superfície terrestre. No cenário da língua francesa, o termo deriva de *paysage*, ou *pays*, no sentido do espaço, território, mais abrangente, portanto.

O conceito de paisagem na Geografia depende também da postura ou corrente epistemológica que esteja mais de acordo com o quadro teórico do pensamento. Por exemplo, nas escolas marxistas, o espaço é uma construção social e a paisagem reflete a dinâmica e a dialética entre capital e trabalho, passado e presente. Nas escolas mais humanistas e

culturalistas, a paisagem é também um espaço vivido, que adquire significados além do facto (mais ou menos) objetivo da natureza visível e do espaço físico enquanto tal. A paisagem é composta por sensações, simbolismos e experiências. A cultura influencia tanto a construção da paisagem através da ação coletiva de um grupo de seres humanos com história e passados comuns, como a diversidade das suas experiências na construção e transformação do espaço; assim, o observador tem uma experiência e sentimentos sobre o espaço que observa e descreve. A paisagem tem elementos materiais e concretos, mas também é imaterial e simbólica, e é influenciada pela percepção do humano que a observa. Yi-Fu Tuan, em “Topofilia” (Tuan, 1980:160), escreve: “A Geografia Humanista procura uma compreensão do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, seu comportamento geográfico, bem como seus sentimentos e ideias sobre espaço e lugar”.

Com este olhar, podemos ver que a paisagem tem múltiplas interpretações. No contexto do pré-escolar, o que se pretende é um despertar para a observação do meio em que as crianças vivem. Nesses níveis etários, as sensações e experiências marcam as relações com o meio e, como tal, com a paisagem. O nosso interesse é que as crianças observem e sejam despertadas para a paisagem de forma crítica e não apenas passiva. De facto, a atitude em relação a uma paisagem vivida, com valores simbólicos e imateriais, está mais próxima da imaginação das crianças do que o conceito de paisagem como espaço socialmente construído. O que é essencial é que as crianças percebam a paisagem e de que forma esta pode ser melhorada através da tomada de decisões humanas, intervindo ou protegendo-a de ser alterada. Preparar as crianças para que pensem no espaço face a uma paisagem que observam é introduzir a Geografia no jardim-de-infância.

Além da paisagem, cabe também ao educador desenvolver o sentido estético e ordenado em relação ao ambiente envolvente. A estética também é um conceito frequentemente carregado de subjetividade, sobre o qual muito já foi escrito e que está fora do nosso foco de análise. No entanto, a ordem, a suavidade e a posição correta dos elementos da paisagem, bem como o sentido estético devem sempre ser trabalhados com a criança. Na prática de muitos educadores, o trabalho com a expressão musical e plástica passa por atividades baseadas em obras de autores consagrados de qualidade inquestionável. Felizmente, é comum ouvir que, nas salas de atividades, se ouvem obras de música clássica, que vão de Mozart a Bach. Educando os sentidos da criança para a qualidade e harmonia desde uma idade muito jovem, vamos deixando marcas que põem de lado o facilitismo de um ambiente que por vezes é mais familiar para as crianças, tais como, festivais populares ou concursos e programas de televisão de qualidade duvidosa.

Seguindo esta linha de raciocínio e deixando de lado uma discussão mais aprofundada sobre o conceito de estética, vamos concentrar-nos em Harmonia. Ordem em contraponto com o Caos. Harmonia, deusa grega (e depois também romana) foi casada com Cadmus; Dois dos presentes de casamento foram um peplo de Atenas e um colar de Hephaestus. Devido a uma maldição desses objetos, todos os que os usaram sofreram tragicamente, o que aconteceu até aos netos. Não obstante os infortúnios e as tragédias, o casal continuou unido.

A harmonia, portanto, vem do grego, e o nome dessa deusa está sempre ligado à beleza. O seu corpo tinha proporções perfeitas, isto é, harmonioso. A harmonia era o oposto da deusa da discórdia. Harmonia refere-se a organização, coerência, equilíbrio, concordância, gozo, conformidade, compreensão entre vários elementos, na presença mútua; Harmonia também se relaciona com outro conceito grego - Cosmos - ordem e harmonia, e o seu contraponto - Caos.

Sendo a paisagem reflexo da ação ou inação dos homens sobre o meio, a sua observação fornece-nos informações sobre a realidade e a sua construção, apontando pistas de intervenção. Assim, investigar a paisagem deve começar nos primeiros anos do percurso académico, pois conduz à formação de bases para o desenvolvimento de adultos ativos e interventivos.

O objetivo da experiência que levámos a cabo foi tentar entender o potencial que a paisagem pode ter na educação cívica e geográfica das crianças no pré-escolar. Criámos uma folha para a observação da paisagem e entregámo-la à educadoras de jardins-de-infância do município de Portalegre. Para além deste instrumento, pedimos aos educadores para aplicarem a observação do meio ambiente de forma indireta, através de fotografias que apresentavam uma realidade claramente positiva ou negativa.

As atividades foram projetadas de acordo com os conceitos dos estádios de desenvolvimento infantil, de Kieran Egan. O estado “mítico” indica características que nos ajudam a entender como devemos abordar a imaginação da criança. O primeiro é a segurança intelectual; Através do mito, transmitimos “explicações exaustivas de por que as coisas são como são, e corrigindo o significado dos eventos através da sua relação com os padrões sagrados”. (Egan.1992:23) A segunda marca é a falta de senso de diversidade - “o facto de as crianças não terem o sentido da diversidade das coisas pode ser explicado simplesmente como falta de experiência e conhecimento de mudança e causalidade numa escala histórica e num determinado espaço geográfico.” (Egan.1992:24). A terceira característica “é a falta de um sentido do mundo como algo autónomo e objetivo. (...) O mundo da criança está cheio de entidades que adquirem o significado através das coisas que ele conhece melhor: amor, ódio, alegria, medo, bem, mal. (Egan.1992:24). Finalmente, a compreensão da realidade é alcançada articulando a realidade em oposições binárias bem claras. Assim, as realidades apresentadas

tiveram sempre em consideração opostos binários bem definidos. Para além desta particularidade, as atividades introduzidas tiveram sempre uma forma lúdica.

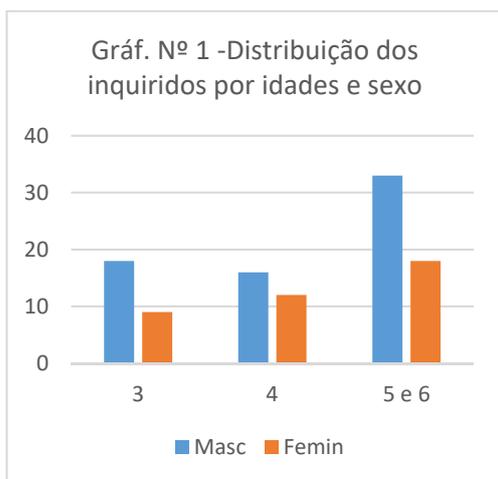
As avaliações e conclusões tiradas desta experiência foram baseadas em informações, notas de campo e respostas à folha de registo de observação de paisagem, que os educadores conduziram e organizaram. Trabalhámos e analisámos as respostas por sexo e idade; refletimos sobre o que foi proposto às crianças, acerca dos espaços observados, e as sugestões de intervenção no meio, que propuseram. Estes dados foram coligidos em dois momentos: o primeiro durante a observação direta da paisagem e o segundo na sala de atividades, através de fotografias (observação indireta).

Os resultados finais foram muito positivos. As crianças participaram e envolveram-se nas atividades, conseguindo olhar para o espaço, nas proximidades, de uma maneira, não apenas mais atenta, mas também mais interventiva. Apontaram os problemas e sugeriram intervenções.

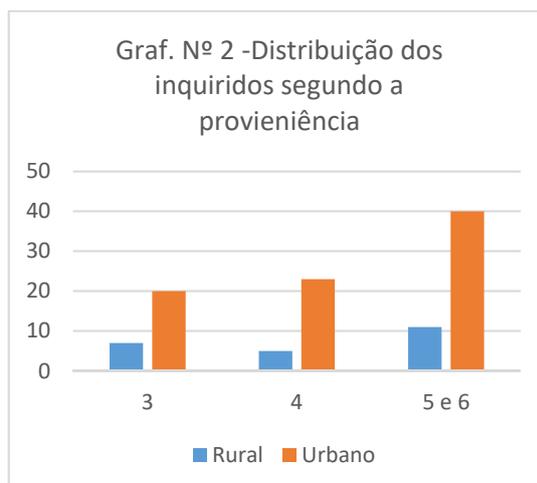
A conclusão central é o potencial que o uso de um recurso omnipresente, económico e acessível - a paisagem - pode representar como uma ferramenta para uma educação, que não se concentra apenas em conceitos e conteúdos cognitivos, mas que prepara as crianças para uma ação interventiva, crítica, ativa e construtiva como cidadãos. As crianças foram estimuladas a adotar uma atitude reflexiva e as suas opiniões foram apreciadas e valorizadas. Dois objetivos foram alcançados: fornecemos aos alunos, e aos jardins-de-infância, ferramentas para interpretar o meio circundante e trouxemos a realidade concreta para a escola, tornando-a mais significativa para as crianças.

4 – A experiência

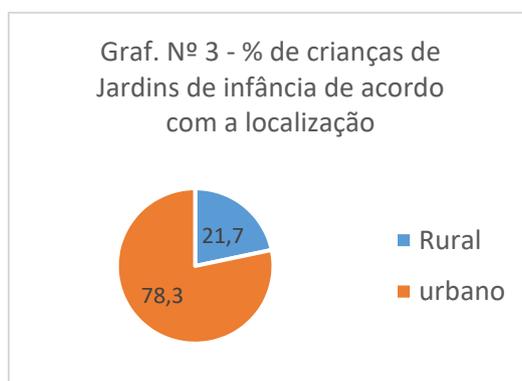
A experiência foi realizada em cinco jardins-de-infância (dois rurais e três urbanos) do município de Portalegre. Realizámos uma atividade de observação da paisagem que abrangeu 106 crianças entre os três e os seis anos de idade. Gostaria de reforçar, neste texto, o meu agradecimento aos colegas que se disponibilizaram para colaborar e permitir que a atividade fosse concretizada.



Elaboração Própria



Elaboração Própria



Elaboração Própria

O projeto consistiu em três fases distintas. Na primeira, as crianças observaram uma paisagem real, perto da sua sala, e responderam a 4 perguntas - o que vêem? Foi construído pelo homem ou pela natureza? Qual a utilidade deste espaço? Está em bom ou mau estado de conservação? - As respostas foram registadas. Numa segunda fase, já dentro da sala, o educador aprofundou as visões e respostas das crianças sobre a paisagem observada, tendo em conta as possíveis funções de uso do espaço, aspetos estéticos e intervenções para poder melhorar o uso e conservação do espaço em questão.

Alguns dias depois, os educadores fizeram nova atividade semelhante, mantendo as mesmas perguntas, mas desta vez propondo a observação de fotografias muito contrastadas: uma de um jardim multicolor de tulipas, com relvado e algumas árvores, num dia límpido e solarengo; ao lado da primeira, duas paisagens menos positivas -, uma com lixo espalhado pelas ruas mal conservadas e outra de uma casa, abandonada e coberta de grafites. As respostas foram novamente registadas e comparadas com as obtidas na semana anterior, numa

perspetiva de consolidação de um olhar crítico sobre a paisagem, simultaneamente tentando perceber se houve evolução das crianças relativamente à primeira experiência.

Os resultados foram extremamente positivos, mostrando como a observação da paisagem pode ser uma base para o desenvolvimento do pensamento crítico, tornando as crianças mais interventivas e pró-ativas perante a realidade. De facto, já despertadas para a forma de encarar a realidade apresentada, através da primeira experiência, a facilidade com que expuseram, no segundo momento, a sua 'opinião crítica' face ao observado foi francamente mais assertiva.

5 – Resultados e discussão

Nas respostas à primeira pergunta, as crianças, independentemente da idade, sexo ou proveniência (rural / urbana), responderam de forma afirmativa, não indicando as diferenças. O primeiro grupo de respostas refere-se a grandes subconjuntos de paisagem, como árvores, casas, carros passando, carros estacionados, nuvens ou afloramentos rochosos. O outro grande grupo de respostas refere-se a detalhes que chamam a atenção de cada criança. Mobiliário urbano, pássaros, campos de futebol, flores, um café, uma ponte, um campo de futebol, portas de casa, árvores quebradas, bocas-de-incêndio, paredes, etc.

Página | 107

Na segunda questão relativa à responsabilidade pela construção da paisagem, já existem diferenças em relação à idade. Nas idades mais baixas (3 e 4 anos), os elementos naturais são considerados uma obra da natureza e as construções humanas da paisagem não oferecem dúvidas. No grupo de 5 e 6 anos, dependendo da paisagem observada, há uma maioria de respostas que perante um jardim ou uma horta referem que embora os elementos sejam de origem natural, o homem é que constrói a paisagem e é sua a responsabilidade dos elementos, ainda que naturais.

Em todas as idades, o género feminino parece dar maior importância aos aspetos estéticos e de harmonia dos conjuntos. No entanto, mais de 60% das respostas masculinas revelam também preocupações estéticas e de organização espacial coerente. Na questão relativa à utilidade do espaço observado, as crianças identificam claramente a sua função, mas acentuam e marcam a perspetiva lúdica do lugar, ou seja, a função de lazer e recreio que a área possibilita, independentemente de estar localizado no campo ou na cidade; inclusivamente nomeiam os jogos mais apropriados para praticar - esconde-esconde, corridas ou futebol. Os aspetos do lazer e da vida familiar também são referidos; por exemplo, almoçar fora, estar nas esplanadas, caminhar e conviver. Nas respostas rurais o espaço, embora não tendo as mesmas

características de brincadeira e jogo, tem uma orientação mais prática e de serviço às atividades económicas do dia-a-dia, quer seja para os animais pastarem e viverem, quer para colher flores e alimentos naturais, ou para guardar e recolher o gado.

Na última questão sobre o estado de conservação da área, as crianças enfatizam os aspetos positivos da paisagem, mas também destacam aqueles que são mal cuidados ou precisam de intervenção. O que é interessante - e revelador de que a paisagem é um instrumento para o desenvolvimento do pensamento crítico, ajudando a despertar as crianças para a realidade envolvente - são as propostas para melhorias e eficiência dos espaços, para os tornar lugares mais agradáveis, tais como: limpeza de lagos, arranjo de móveis de rua (lixeiras, bancos), tratamento das árvores.

Para além destas propostas, também agregam hipóteses de intervenção para criar espaços com melhor capacidade para praticar atividades lúdicas e divertidas: instalação de casas de madeira, insufláveis, espaços para animais, parques infantis, com especificações dos brinquedos mais desejados, e plantação de árvores e flores para proporcionar um ambiente mais agradável.

Dias depois a atividade foi repetida, através da observação de fotografias. Os educadores concordaram que as crianças tinham uma atitude mais afirmativa em relação à paisagem e podiam responder às mesmas questões com maior rapidez e assertividade. A questão principal foi a possibilidade de intervir na paisagem, ou seja, adquirir uma atitude crítica em relação a uma realidade concreta.

Dividimos as respostas em dois grandes grupos: um relativo à imagem positiva e outro à imagem negativa (lixo e graffiti).

As crianças acentuam a parte estética da paisagem, a sua harmonia, a beleza e organização. Dez respostas propõem mais árvores e espaços dedicados a práticas lúdicas específicas. Outras respostas explicam a relação com o espaço apresentado, revelando, pela positiva, as intervenções que foram feitas e que devem ser aplicadas em outros espaços - limpeza; ausência de lixo; combinação de cores; abundância de elementos naturais (árvores, relva e flores); possibilidades de jogar. Um aspeto interessante, que denota uma evolução da forma mais global como as crianças olham a paisagem, e uma forma coesa de observar o conjunto é o facto de apontarem menos detalhes, acentuando a conexão e lógica do conjunto.

No que diz respeito às fotografias, o mais interessante é que 80% das respostas não se limitam a encontrar apenas uma realidade atraente, sugerindo imediatamente as intervenções necessárias e lógicas. Existem respostas que não têm em conta a estética, mas respondem imediatamente quais as operações necessárias para o espaço, como por exemplo: deve ser

pintado; colocar plantas; árvores limpas e aumentar o número de espécies plantadas; colocar um novo telhado; colocar caixotes de lixo.

Outras respostas identificam primeiro fraquezas e adicionam intervenções. O que tem a maior repetição é a colocação de caixotes de lixo, mas essencialmente ecopontos para a recolha seletiva. Este aspeto apenas revela a qualidade do trabalho de conscientização ambiental que é transmitido pelos educadores. Além disso, os aspetos estéticos e organizacionais e a harmonia da paisagem são o resultado de um trabalho contínuo desses profissionais da educação, com o objetivo de prepará-los para uma atitude interventiva e crítica em relação à realidade.

O espaço que a apresentação das tabelas neste artigo ocuparia não permite a apresentação completa das respostas das crianças; no entanto, os exemplos dados são representativos das tendências gerais dos resultados das 106 crianças. Também de realçar que não houve diferenças significativas entre os sexos ou entre as respostas obtidas em crianças com a idade de quatro anos (inclusive) e cinco; apenas o grupo de três anos foi menos elaborado nas respostas, revelando, apesar disso, intervenções e empenho nas propostas e na participação no processo.

6 – Principais conclusões

A principal conclusão que podemos extrair deste projeto é a centralidade e o potencial da paisagem para a educação das crianças. A ciência geográfica e a observação da paisagem não pretendem sobrepor-se a outros instrumentos e áreas de conhecimento, mas contêm em si um carácter sintético, no sentido em que podem revelar as múltiplas realidades que se entrecruzam num espaço.

Desta forma, a observação da realidade é um primeiro passo para se interiorizar o contexto espacial. Pelo que observamos, tentamos entender e explicar a realidade de maneira crítica, para podermos alterá-la para melhor. Esta postura forma cidadãos para quem a democracia ultrapassa o dever de votar periodicamente. Isso transforma-nos em atores e promotores de mudança, reflexivos e ativos, isto é, cidadãos preparados para o século XXI.

O treino para termos este novo tipo de cidadão deve ser um processo contínuo e o despertar do pensamento crítico perante a realidade deve começar o mais cedo possível. A atenção ao espaço através da paisagem, pela sua acessibilidade e possibilidade de várias leituras, de acordo com a idade, torna-se um instrumento privilegiado para o início da formação de adultos conscientes do seu papel cívico. A experiência descrita fornece indicações e dados

que nos permitem concluir que é possível introduzir conceitos espaciais na educação infantil, mas também que a paisagem é um dos meios mais efetivos para o alcançar.

7 - Referências Bibliográficas

Egan, Kieran (1992). *O desenvolvimento educacional*. Lisboa. D. Quixote.

Silva Isabel Lopes da *et al* (coord.) (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa. Ministério da Educação

Tuan, Yi-Fu (2007). *Topofilia. Un estudio de las percepciones, Actitudes y valores sobre el entorno*. Espanha. Melusina

Notas sobre o autor:

Miguel Castro

miguelcastro@ipportalegre.pt

Instituto Politécnico de Portalegre. Portugal

Centro de Estudos Geográficos e Ordenamento do Território – U. Coimbra

Licenciado em Geografia e Mestre em Geografia Humana – Estudos Urbanos, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Doutor em Geografia Humana pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, da Universidade de Lisboa. Professor Adjunto no Instituto Politécnico de Portalegre e Investigador do C3i (Coordenação Interdisciplinar para a Investigação e Inovação) do Instituto Politécnico de Portalegre.

Tem desenvolvido investigação nas áreas de Geografia das Regiões de fronteira, urbanismo comercial e espaços Públicos. Paralelamente tem desenvolvido investigação nas Didáticas Específicas da Geografia e Conhecimento do Mundo (1º e 2º Ciclo do EB e Pré-escolar) sendo formador certificado. Ministra ações de formação em parceria com o CEFOPNA e outros centros de Formação de Professores. É formador do Ministério da Educação para a implementação do Plano Nacional de Promoção do Sucesso Escolar (PNPSE - 2016).

Possui várias comunicações em congressos nacionais e internacionais, bem como múltiplas publicações em revistas nacionais e internacionais nas suas áreas de investigação.